

## **Darel, Lotus Lobo e a litografia moderna brasileira.**

Vitor Hugo Gorino

Desviando-se do tradicionalismo e do purismo técnico da gravura moderna brasileira, que ainda carregava fortes traços da influência do expressionismo alemão, Darel Valença Lins e Lotus Lobo passam a realizar processos de apropriação de imagens na composição de suas obras a partir do início da década de 1970. Assim, seus trabalhos estabelecem diálogos com imagens fugazes de circulação maciça, alheias à produção e discussão da arte brasileira no período, imersas no contexto comercial, editorial e industrial do país. Dessa forma, expondo-se inevitavelmente a questões acerca da autoria de uma obra composta por imagens de terceiros, trazendo ao ambiente e discussão da crítica brasileira a questão da apropriação de imagens, que será virtuosamente explorada pelas artes visuais, especialmente a partir do século XX.

Darel Valença Lins, nascido em Pernambuco em 1924, reside no Rio de Janeiro desde 1948. Vinculado ao Liceu de Artes e Ofícios, estuda gravura em metal com Henrique Oswald e convive com diversos expoentes da gravura moderna brasileira, como Oswaldo Goeldi, Marcelo Grassmann e Napoleão Poty entre outros. Através de seus estudos e sua produção de gravura em metal, participa de salões de arte moderna e ingressa na ilustração editorial de clássicos literários como *Crime e Castigo*, *São Bernardo*, *Memórias de um sargento de milícias* e também em diversas outras publicações de circulação maciça, com destaque para os jornais *Última Hora*, *Diário de Notícias* e *O Jornal*, e as revistas *Flan*, *Manchete*, e *Revista da Semana*. Ainda na década de 1950, no Rio de Janeiro, traz de seu trabalho como ilustrador o interesse e a prática na técnica litográfica, largamente empregada nesse meio. Tal atividade concedeu ao artista um espaço de experimentação plástica associada à cultura e produção editorial, onde começou a produzir litografias e realizar ilustrações substituindo o desenho pela fotomontagem. Já em meados de 1970, trabalhos como esses atingem o primeiro plano de sua produção, migrando das ilustrações para as galerias.

Junto de Napoleão Potiguara Lazzaroto – produzindo e lecionando litografia inicialmente como professor do Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro e posteriormente no MASP, onde também lecionou – Darel é considerado um dos grandes responsáveis pelo resgate da litografia artística no Brasil. Ainda na década de 1950 o

artista organiza um ateliê litográfico particular na Lapa (RJ) e passa a dar cursos, além de produzir suas obras. Posteriormente, junto ao grupo Cem Bibliófilos do Brasil promove a edição de textos ilustrados por gravuras originais, das quais muitas eram litografias. Dos anos 1970 a 1990 produz um grande volume de litografias baseadas em fotomontagens, impressas em ateliês de destaque – como o ateliê Ymagos, em São Paulo – no contexto de um aquecido mercado brasileiro de gravura.

Está presente nessas obras a vocação figurativa de Darel, com destaque para sua virtuosa habilidade como desenhista, trazendo nessas obras a figura humana em indiscutível destaque, e, principalmente a figura feminina em evidência. Cria em sua maioria cenas internas, nas quais figuras humanas bem modeladas pelo claro-escuro interagem umas com as outras numa narrativa sutil através de gestos e trejeitos. Para a realização desses trabalhos apropria-se de imagens fotográficas das mais diversas origens e com elas realiza fotomontagens, “matrizes de composição” que eram usadas como estudo para posteriores desenhos, pinturas e, principalmente, litografias [Fig.1]. Na fotomontagem *O amigo de Degas* notamos o tradicional destaque das figuras humanas nos trabalhos do artista pernambucano, em combinação com elementos geométricos, decorativos e mobília que sugerem um cenário de transição entre um ambiente externo e um interno. A multiplicidade de origens das imagens apropriadas pelo artista evidencia-se aqui pela disparidade entre a figura masculina à esquerda – proveniente de uma fotografia do pintor Edgard Degas – e a figura feminina ao centro – extraída de uma revista de circulação maciça. A fotografia do amigo de Degas, que nomeia a obra pode ser também comentada enquanto citação ao virtuoso interesse e uso referencial de imagens fotográficas pelo pintor francês em suas obras.

Essas montagens visavam a execução de um novo desenho, [Fig.2] nesse caso, a litografia de mesmo título, que contava com a reinterpretação visual da composição original, num processo de edição que modifica desde o enquadramento e a composição cromática até a inserção ou retirada de elementos. Apesar de ser etapa fundamental em seu processo criativo, a apropriação de imagens de Darel é materialmente velada. A obra final do artista não é a fotomontagem, mas sim um desenho de significativos indícios fotográficos. A fotografia para Darel é uma ferramenta compositiva pela qual a apropriação se faz visível por um jogo de visibilidade e invisibilidade em seus desenhos. Em última instância é peça chave como citação ao referente do real, ao

testemunharmos em suas obras a criação de um espaço psicológico misto de realidade e fantasia, que faz referência às vivências do artista e retrata graficamente esse teatral embate.

Lotus Lobo inicia seus contatos com a litografia ao cursar belas-artes na escola Guignard, de 1962 a 1965. Durante viagem a São João Del Rei trava contato com o litógrafo João Quaglia, que, graças à iniciativa da então jovem artista, é convidado a ministrar cursos sobre a técnica na mesma escola. Tal iniciativa é considerada um marco fundamental na história da litografia mineira. À frente do Grupo Oficina, fundado por Lotus 1965, agrupa alguns assíduos frequentadores do ateliê de litografia da escola Guignard, no qual leciona litografia por convite de Yara Tupinambá de 1966 a 1993. Ao lado de nomes como Eduardo Guimarães, Frei David, Klara Kaiser, Paulo Laender e Roberto Vieira, a artista tem um importante papel na afirmação da litografia no estado de Minas Gerais, processo que continua e se intensifica em seu trabalho após o desligamento do grupo, em 1968. Lotus segue produzindo e promovendo a discussão da técnica dentro do circuito de arte mineiro. No fim dos anos 1960, através da compra de matrizes litográficas da estamperia Juiz de Fora – Indústrias Reunidas Faugundes Netto, de Juiz de Fora, inicia uma pesquisa envolvendo o resgate de desenhos de matrizes litográficas industriais datadas de 1920 a 1950, com destaque para produtos com nomes femininos e rótulos de complexa elaboração gráfica. Apropria-se então de imagens de marcas de produtos fora de linha – principalmente manteiga, biscoitos e balas – na impressão de suas gravuras artísticas. Posteriormente, esse trabalho se desdobra na série de litografias *Anotações*, na qual a artista, além de apropriar-se e interferir no processo de impressão das marcas, volta a desenhar nas matrizes, sobre as marcas. Seu papel como incentivadora da litografia e pesquisadora de sua história tem destaque também por suas atividades junto à Casa da Gravura Largo do Ó, de 1984 a 1991, onde, além de desenvolver seu trabalho pessoal, orientou outros artistas em seus trabalhos e organizou exposições. Coordenou a pesquisa *Memória da Litografia de Minas Gerais*, que visava a preservação, restauro, impressão e catalogação das 500 matrizes litográficas provenientes da Estamperia Juiz de Fora.

Valendo-se de características específicas do design, tipografia e identidade visual das marcas Lotus reconfigura seu processo de impressão, reordenando-o. [Fig.3] No caso da obra da série maculaturas (nome que faz referência a refugos de impressão

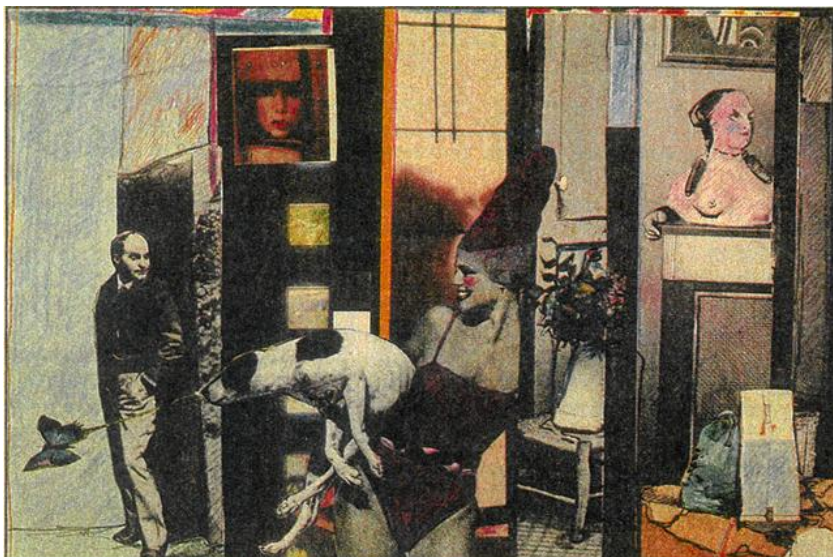
industrial de embalagens) encontram-se justapostos dois rótulos de manteigas com nomes femininos também justapostos a figuras de flores, extraídas das matrizes de outros rótulos de natureza similar, nesses casos a composição cromática é reinterpretada ou recriada pela artista, uma vez que a gravação nas matrizes é em preto e branco.

O processo litográfico serve-se de impressões em múltiplas camadas ou matrizes, ajustadas segundo um registro de marcação. Tais particularidades, pertencentes ao mesmo processo em que os rótulos apropriados foram originalmente impressos, são habilmente empregadas pela artista criando, como visto, novas justaposições, e especialmente sobreposições e transparências. [Fig.4] Obras como essa exibem a imagem apropriada em primeiro plano, oscilando entre transparente e o translúcido, entre a visibilidade e a invisibilidade de uma imagem apropriada que esta presente, mas de forma distinta de sua configuração, composição e cores iniciais. Evidencia-se aqui o processo de impressão litográfica ao exibir nessa maculatura algo que simula – até mesmo em seu suporte, a folha de flandres, – um refugio de impressão industrial com diversas camadas aplicadas. Peças como essas eram comuns nas estamparias, dada a necessidade de limpeza e remoção de tinta das prensas. A artista estabelece, portanto, e de maneira indissociável em sua poética, um denso diálogo com a história do uso da técnica no Brasil, que oscila entre editorial e comercial até os anos 1950, quando começa a ser substituída por técnicas mais objetivas de impressão, migrando para o campo artístico onde teve seu pico nos anos 1960 e 1970, chegando a saturar o mercado brasileiro, desvalorizando-se.

A trajetória de ambos os artistas emparelha-se com a trajetória da litografia brasileira, produzindo, difundindo ou lecionando, Darel e Lotus são dois nomes de destaque no fomento à litografia artística. E processos análogos de apropriação e uso de imagens ocorrem em suas produções, ainda que dotados de argumentos e resultados distintos. Suas obras situam-se num campo limítrofe, entre as artes visuais e a cultura de massa, a ilustração editorial, a fotografia, a tipografia e o design. A discussão apropriada de obras como essas apenas se dá levando em consideração tais fronteiras e suas múltiplas influências, culminando no diálogo entre diferentes áreas que aqui se complementam.

**Lista de imagens:**

**Figura 1:**

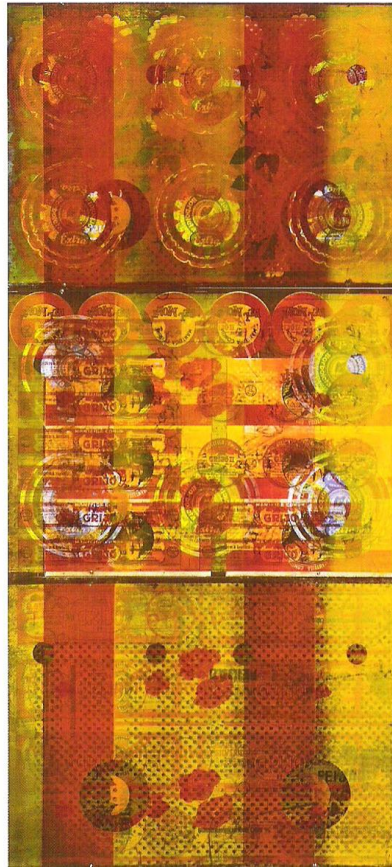


*Darel*  
*O amigo de Degas.*  
Fotomontagem, cerca de  
1985.  
Coleção Maísa Byngton.

**Figura 2:**



*Darel*  
*O amigo de Degas.*  
Litografia, cerca de  
1985.  
Coleção Maísa  
Byngton.



**Figura 3: (esq.)**  
Lotus Lobo  
*Maculatura I*  
Litografia sobre  
folha de flandres, 1970

**Figura 4: (dir.)**  
Lotus Lobo  
*Maculatura II*  
Litografia sobre  
folha de flandres, 1970